ALFABETIZAÇÃO NA EJA: UMA VISÃO EMANCIPADORA

EVANGELISTA, Carmen Auxiliadora[1]
Ru: 1309327
CORDEIRO, Maria Tereza[2]
Ru: 512530

RESUMO

Alfabetização de Jovens e Adultos é um tema que precisa ser pensado de forma dialógica, trazendo discussões necessárias para inclusão do publico alvo, problematizando a educação tradicional, tendo em vista que esta interfere de forma significativa na alfabetização de adultos. Buscando estratégias onde o aluno da Educação de Jovens e Adultos sinta-se parte da sua própria aprendizagem, por meio de experiências significativas, destacando a importância de o professor trazer conteúdos de forma que ajude o aluno adulto a interpretar os eventos que eles vivenciam, estando cientes enquanto docentes da grande responsabilidade exigida para se obter êxito com esse público que não foram alfabetizados em idade própria, levando-os a interagir com o meio em que estão inseridos. Buscando despertar a criticidade, trazendo a tona os valores, a cultura, e resgatar a autoestima. Nesse contexto o artigo visa tecer algumas reflexões sobre a alfabetização de jovens e adultos sob a visão emancipadora de Paulo Freire, tendo o respaldo, entretanto de outros autores que muito contribuem com esse tema.

Palavras chave: EJA. Emancipação. Educação. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho que tem por tema a alfabetização de Jovens e Adultos em uma visão emancipadora, procura mostrar formas de alfabetizar e emancipar pessoas que não tiveram o acesso à escola. Que não foram alfabetizadas em idade própria ou possuem pouca escolaridade, e por essa causa são marginalizadas.

[1] Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 2019.

[2] Orientadora do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER.

O educador Paulo Freire (1921-1997), foi o responsável pelo método que consiste em uma proposta de alfabetização de jovens e adultos, onde a cultura é essencial para introduzir uma concepção de educação, que leve o indivíduo a pensar e a se ver como um produtor do conhecimento.

Apresentando o homem e a mulher como um ser social, apto a aprender, mostrando que através da educação se forma sua identidade, ideologia e o seu modo de vida. Nessa perspectiva, aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser.

Buscando problematizar a visão tradicional da Educação de Jovens e Adultos – aqui tratada como EJA, fazendo uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelo público alvo, e apresentando meios para que esses alunos consigam se sentir incluídos, principalmente, valorizando as experiências e a cultura produzida por eles. Compreendendo que o aluno não é um objeto no processo de sua alfabetização, mas é um contribuinte de sua própria aprendizagem, descobrindo-se como ser criador, auxiliando-o para que se veja como um produtor de conhecimento e cultura.

As pessoas que não tiveram acesso à educação pelas mais variadas causas, precisam ser incentivadas e valorizadas. Não se pode desconsiderar a bagagem que o aluno que procura a Educação de Jovens e Adultos traz consigo, e quando este encontra uma educação que o leve a pensar e refletir, o indivíduo começa a valorizar sua própria história, motivando-se a aprender, tendo a convicção de que não é tarde para começar.

As informações contidas neste artigo se classificam como bibliográficas e qualitativas, tendo por base pesquisas feitas em livros e sites. Esse estudo é denominado qualitativo por ter um caráter interpretativo dos fatos, visando possibilitar uma compreensão acerca do tema aqui tratado.

Utilizando fundamentações teóricas de autores que nos favorece um vinculo entre a subjetividade do pesquisador e o meio no qual ele esta inserido, fazendo com que as experiências vividas e escritas pelos autores seja a própria fonte de dados.

Ao definir essa pesquisa foi necessária uma convicção de que a alfabetização de jovens e adultos é um tema relevante nos dias atuais, que estão intimamente ligadas a fatores emocionais tão importantes para a finalização desse artigo. Estando assim relacionada a uma busca de melhores condições para o publico alvo aqui descrito, trazendo contribuições humanas para a sociedade.

A metodologia aplicada nesse artigo busca de forma simplificada abordar as diferentes sensações que um analfabeto tem ao perceber que as falas ouvidas no seu dia a dia não condizem com a realidade em que vivem, porém mostrando que a reflexão quando absorvida, pode trazer mudanças na vida daqueles que são excluídos da sociedade, e quando aliadas a práticas pedagógicas podem trazer melhorias para a sociedade.

EDUCAÇÃO TRADICIONAL E SUAS INTERFERÊNCIAS NA EJA

Quando pensamos em alfabetização de adultos, devemos ter a compreensão de que essa modalidade de ensino necessita de atenção como qualquer outra, mas por se tratar de pessoas já em fase adulta, é necessário ter um olhar especial.

O público adulto quando procura a escola o faz pelas mais variadas causas, desde conseguir oportunidade de crescimento no seu trabalho, ou até mesmo para aprender o básico na alfabetização, a fim de consiga para lidar com suas questões diárias. Contudo ao procurar pela escola com o intuito de receber uma educação formal, o aluno da EJA se depara com um ambiente completamente diferente do seu cotidiano, e a primeira impressão causa nesse aluno certo desconforto, fazendo-o ver todo o processo como algo inalcançável.

> Isto é, precisamente, o que a “educação bancária” não estimula. Pelo contrário, sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade (Freire 1986, p.8).

Essa visão apresenta um professor que vai depositando em seus alunos os conteúdos selecionados, pensando assim que para educar alguém basta realizar depósitos como se fosse um banco, e no dia da prova o aluno mostraria o resultado, e isso independente da idade. Sendo considerado como um recipiente vazio, que pra render algo basta depositar dentro.

Para que a alfabetização na Educação de Jovens e adultos cumpra o seu papel é preciso que a aprendizagem faça sentido para o educando, sendo assim a linguagem oral e a escrita torna-se indispensável no processo da expressividade, que é imprescindível nessa modalidade. O exercício da leitura e da escrita precisa ter um

sentido autêntico para o aluno, o que não acontece se esta se der apenas através da repetição.

Na EJA o perfil dos alunos é diversificado, e a educação tradicional limita o aluno tratando-os da mesma forma, deixando de olhar a especificidade de cada um, não valorizando as experiências que podem ser muito significativas no processo de aprendizagem, pois onde não há diálogo seguramente terá evasão.

Na abordagem tradicional a prática educacional se dá apresentando o professor como o possuidor do saber, esse tipo de educação acontece á partir do que é externo ao aluno, não fazendo questão naquilo que o educando traz consigo. Contudo prioriza o repasse de conteúdo, fazendo com que o discente se torne alienado por se sentir vazio de conhecimento não podendo contribuir por meio de suas vivências, com sua aprendizagem.

Espera-se que o olhar docente não seja neutro no que diz respeito à alfabetização de adultos, pois requer humanidade para perceber que em muitos casos a educação segundo Freire se dá como um processo de domesticação, privando o sujeito de se libertar enquanto ser humano.

Segundo Martins (2012, p. 35), sobre o modelo tradicional de ensino:

“A educação é um fator de equalização social, transmissão de produtos pré-estabelecidos, e a escola é entendida como lugar de proteção, situado á margem do mundo”.

O modelo tradicional de ensino utilizado ainda na atualidade faz com que o aluno da EJA perca o interesse em estudar algo meramente mecânico, porque esse aluno é criativo, produtor de cultura, e espera que seus feitos sejam reconhecidos como algo importante, de estima para a sociedade.

A educação tradicional de acordo com Martins (2012) conta com um professor razoavelmente bem preparado, que expõe as lições que os alunos precisam aprender, realizando exercícios que precisam ser realizados disciplinadamente. Contudo deixa de ser atrativo para um aluno que deixa sua casa ou trabalho, a fim de concluir seus estudos, e que chega à escola e não se sente como alguém capaz diante da visão docente.

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO ALUNO DA EJA

Quando falamos em alfabetização na EJA, precisa-se pensar que esse aluno tem uma história, que dificilmente por si só conseguirá ver como algo expressivo.

Porque quando a pessoa é privada do acesso ao mundo letrado, esse mesmo acaba se inferiorizando, por não conseguir ler e escrever.

O sujeito é o autor da sua aprendizagem, porém quando o aluno é adulto, e muitas vezes em idade mais avançada, ao ir para a escola aprender a ler e escrever traz consigo sentimentos de fracassos, derrotas e até inferioridade.

> Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...] (Gadotti, 2008, p. 31).

As pessoas que não sabem ler e escrever se esbarram em obstáculos todos os dias, pois coisas tão simples como pegar um ônibus, reconhecer cédulas ou mesmo chegar a uma rua se tornam tarefas difíceis para os analfabetos.

Só quem vive esse drama sabe como essa questão pode gerar conflitos, por que a pessoa que tem nenhum, ou pouco grau de escolarização é limitada a participar apenas daquilo que sua condição atual lhe permite.

Existe também a possibilidade de que o adulto analfabeto não veja o que ocorre com ele como um processo de exclusão social, mas que assimile o fato de não ler e escrever como experiência pessoal, trazendo consigo a culpa e a constante sensação de fracasso. E isso é um fator determinante para que esse aluno procure ou não pela EJA, por que a vergonha, a culpa acaba por gerar a desmotivação.

> A taxa de analfabetização mais atual no Brasil foi divulgada pelo IBGE em junho de 2019 na última Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua. O Brasil tem pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas (6,8% de analfabetismo). No mundo, mais de 750 milhões permanecem nessa situação (Gazeta do Povo, atualizado em 24 julho de 2019).

Encontramos atualmente no Brasil uma grande porcentagem da população que ainda não sabe ler e escrever, em muitos casos trabalhadores que vem do campo, pessoas que até então se utilizaram do trabalho braçal apenas, mas ao chegar às cidades, se veem deslocadas. Muitas vezes se sentindo pressionadas a aprender a decifrar os códigos alfabéticos, porque precisam por uma questão de sobrevivência se inserir no mercado de trabalho.

Quando o analfabeto vai fazer uma compra, sente a dificuldade para reconhecer o valor do que está sendo cobrado, passando muitas vezes por

constrangimentos, ou mesmo ser enganado; e quando se faz necessário assinar em algum documento, muitos no lugar de suas assinaturas registra sua impressão digital.

Estas situações causam no indivíduo impacto marcante, por que o trabalhador contribui com seu trabalho para o crescimento da sociedade, mesmo sem saber o quanto sua participação social é essencial para que se tenha desenvolvimento, mas na maior parte das vezes não vê seu trabalho reconhecido, sendo visto como alguém insignificante.

Alguns indivíduos, devido á marginalização que sofrem, acabam se envolvendo com trabalhos impróprios, trazendo para si mesmo o devido dano, o fruto colhido dessas escolhas erradas.

A educação para as classes mais pobres que não tiveram oportunidades de ser alfabetizadas, tem se dado como forma de dominação, como se não fosse necessário que o alfabetizando tenha uma leitura de mundo, mas fique apenas submisso a uma imposição mecânica, negando-lhes o caráter libertador de conhecimento, que se dá pela conscientização, pelo diálogo, permitindo ao indivíduo participar de forma ativa do processo educativo.

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER E ESCREVER

Para uma grande maioria ler e escrever é algo que se desenvolve logo na infância, porém essa não é a realidade de uma minoria, que devido às circunstâncias sociais, não tiveram a oportunidade de sequer ir à escola.

O sonho de muitos analfabetos é saber decifrar os códigos alfabéticos, com a finalidade de facilitar seus afazeres diários, porque dentro de uma simples casa, a vida daqueles que não sabem ler e escrever se torna um desafio árduo.

A leitura proporciona ao ser humano uma condição básica de dignidade, no que diz respeito ao próprio cuidado com o corpo, a pessoa analfabeta precisa da ajuda de pessoas que a ajude com a dosagem ou mesmo os horários dos remédios, para que consiga se sustentar bem fisicamente.

É inegável que grande parte dessa população analfabeta, é de origem simples, pessoas trabalhadoras.

Na visão de Gadotti (2003, p.49):

“Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender.”

Lutar por dias melhores só faz sentido se tivermos um projeto o qual almejamos alcança-lo, e não há um tempo determinado para aprender, porque aprendemos todos os dias, com todas as situações que nos cercam, sejam estas boas ou ruins. Daí a importância de trazer conteúdos significativos para o aluno adulto, aulas que colabore para a formação de um pensamento crítico, que o incentive, que o faça perceber que ele não é só mais uma vítima, mas embora tenha sofrido tantas discriminações devido ao seu atual estado, ele não precisa permanecer nele.

Contudo não podemos negligenciar as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, principalmente para os que buscam a escola em época mais tardia, ler e escrever são complexidade, pois o tempo dessa pessoa, as suas responsabilidades são tamanhas, ao ponto de levá-las a pensar que não serão capazes; ou até mesmo terão o sentimento de que todo esforço poderá não valer apena, mas podemos constatar que nos mais variados lugares existem pessoas, que retomam ou iniciam os estudos em idades avançadas.

Os que tiveram a oportunidade de estudar muitas vezes não percebem o esforço realizado pelos alunos da EJA, porém jamais poderão dizer que esse ato não é valoroso, pois o ser humano é carregado de força, e quando este aplica todo o seu esforço na concretização dos sonhos, nem mesmo a avançada idade o pode impedir, sabendo que o fato de ter sido alfabetizado fora da idade própria não pode atrofiar o sujeito, fazendo-o prisioneiro dessa condição.

Certamente que palavras desanimadoras virão de todas as partes, tentando penetrar o íntimo do indivíduo, a fim de que este desista mesmo antes de tentar. Contudo o desejo por aprender embora muitos ainda não se dê conta, está bem vivo e ansioso para que alguém o desperte. Pessoas que aprenderam a ler e escrever depois de adultas certamente tem muitas coisas a ensinar, e que por vezes não se dão conta.

Na visão emancipadora de Paulo Freire, percebemos que a educação nessa percepção jamais se dá de forma neutra, está ligada a uma natureza política no processo educativo. Escrever passa a ser necessário para que todos os homens tomem consciência de sua função de influência na sociedade.

“Neste sentido é que todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar” (Paulo Freire, 2008, p. 23).

Na visão de Freire, percebemos que a educação não se desvincula da política, pois todas as pessoas em um determinado momento de suas vidas já se viram questionando, reivindicando e assumindo posições em prol de melhoramentos para si, ou em favor de outros.

O ato de denunciar diz respeito a sair do comodismo que por diversas vezes o alfabetizando se vê, e que quando este fala expressa sua opinião que por vezes foi calada pelas desigualdades, fazendo crítica a sua atual situação, o alfabetizando assume um ato político, suas defesas vão criando consistências mais sólidas, o que o encaminhará certamente para uma vida ativa na sociedade.

É inegável que somos parte de uma sociedade marcada por desigualdades e um mercado de trabalho competitivo que a cada momento leva pra mais longe as oportunidades dos que são analfabetos.

Pensando dessa forma, concluímos que a linguagem é o elo de comunicação dos indivíduos, porém os que não têm acesso certamente são excluídos e privados de estarem junto com aqueles que possuem mais instrução.

Alfabetizar é uma espécie de salto de uma vida objetiva para uma vida subjetiva, ou seja, o indivíduo se torna sujeito de suas próprias ações, por que ao ler o leitor tem a possibilidade de interpretar aquilo que tem diante de si, tornando-o consciente de sua responsabilidade, como também do seu direito.

Ler vai além de decifrar códigos alfabéticos, leva o ser humano a interagir e agir sobre a realidade em que está inserido. Proporcionando a este uma possibilidade de ser alguém transformado, que de alguma maneira também transforma as situações ao seu redor.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA EJA

Sabemos que a busca pela justiça e pela qualidade da educação em um país tão irregular como o Brasil é uma empreitada que sugere políticas públicas de Estado que abrace uma ampla articulação entre os entes federativos.

Convivemos hoje em um momento farto de possibilidades, com apoios legais mais avançados e com a mobilização ardilosa dos domínios públicos e de atores sociais importantes neste cenário. Sabendo, que é possível conseguir um bom trabalho de retificação dos planos de ensino para que a educação tenha uma alavancada no cenário brasileiro.

> Há metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade, que dizem respeito ao acesso, à universalização da alfabetização e à ampliação da escolaridade e das oportunidades educacionais. (Planejando a Próxima Década Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação p. 09, 2014).

O Plano Nacional de Educação (PNE) propôs metas com objetivo de garantir o direito à educação básica com qualidade, que dizem respeito à promoção, à universalização da alfabetização e o acréscimo da escolaridade e também das oportunidades educacionais.

A meta 10 metas proposta pelo PNE alcança de forma positiva os alunos da EJA, por que diz respeito a aumentar as taxas de alfabetização da população que tem 15 anos ou mais, esse aumento seria de 93,5% até 2015 e até o final do PNE vigente até 2024, desarraigar o analfabetismo integral e abater em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

> O analfabetismo de jovens e adultos vem sendo reduzido no Brasil — passou de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Essa redução é ainda mais intensa no Norte e Nordeste, onde estão localizados os maiores índices de analfabetismo do país. Na faixa de 15 a 19 anos, a Pnad de 2012 registra taxa de analfabetismo de 1,2%, muito inferior à média geral, o que demonstra a efetividade das políticas em curso para a educação básica Nacional (MEC 2014).

Percebemos que ainda no ano de 2019 existe um índice grande de pessoas adultas que são analfabetos funcionais, pois o alfabetismo é um processo de desenvolvimento das atividades letradas.

Uma pessoa que foi alfabetizada quando criança dependendo do estilo de vida que vive, ela pode se deseducar ao longo dos anos, justamente pela razão de que muitas das vezes esse adulto que um dia foi alfabetizado, passa muitas horas em atividades que por vezes não exige a leitura no dia a dia.

Embora as metas propostas no PNE sejam de suma importância para o desenvolvimento educacional brasileiro, precisamos pensar que ainda falta um longo caminho para ser percorrido na área da educação.

Na Educação de Jovens e Adultos, a meta 10, oferece no mínimo 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional como apresenta o PNE, é de suma importância, levando em conta que a necessidade de muitos adultos que não tiveram oportunidade de ir à escola, se volta para o mercado de trabalho.

Faz-se necessário que as políticas públicas para a educação avancem e principalmente alcancem os desfavorecidos da sociedade, inserindo-os ao mundo letrado. Isso é um desafio, levando em consideração que o nosso país possui uma diversidade evidente.

Certamente que as metas apresentadas pelo PNE estão caminhando, nem sempre em passos ligeiros, porém é inegável que já houve avanço e conquistas no que diz respeito à EJA.

FORMAS PARA QUE O ALUNO DA EJA SEJA ALFABETIZADO E SE EMANCIPE

Porquanto já percebemos no decorrer do texto, que a EJA é um palco carregado de complicações que necessita de significados e posicionamentos abertos. É um campo delicado e, por que não dizer político? Denso e carrega consigo o rico legado da Educação Popular.

> A educação que hoje é denominada de jovens e adultos em outra perspectiva já foi chamada de educação de adultos e de educação popular. A educação popular é um paradigma educacional, se assim pode dizer, que articula o acesso ao conhecimento a processos emancipatórios.
> Ela foi desenvolvida no contexto de movimentos populares e de trabalhadores. Paulo Freire é um dos educadores que adensou o debate da educação popular no Brasil, particularmente nos anos de 1960 (Souza, 2012. p. 36).

Os docentes que possibilitam a consolidação da alfabetização em pessoas amadurecidas são sujeitos sociais que se acham no centro de um procedimento muito mais amplo e complexo do que exclusivamente uma modalidade de ensino. Estão mergulhados em uma dinâmica social e cultural extensa que cresce em meio a afrontas, crises, organizações, práticas e oscilações sociais desencadeados pela obra dos sujeitos ao longo da nossa história.

De acordo com o método de Paulo Freire (1981), o autor faz uma crítica à alfabetização de adultos onde o professor acredita que quanto mais se coloca o saber em quem não sabe nada, este aprenderá, mas todo esse processo é feito de longe e chega pronto.

Freire pensou uma metodologia de ensino edificada em cima do diálogo entre docente e discente, onde existe sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo um ensino acabado, do seu mundo, do seu saber.

De acordo com Freire (1981, p, 22): “A Educação, que deve ser um ato coletivo, solidário um ato de amor, dá pra pensar sem susto, não pode ser imposto”.

Como o aluno da EJA conseguirá se sentir parte do processo de aprendizagem se as formas propostas não se aproximarem de sua vida, de seus costumes?

Isso não significa que a alfabetização será pensada de modo informal, sem relevância nenhuma, destituída de regra ou método que antes foi pensado pelo educador, mas o aluno se sentirá mais confiante se a forma de alfabetizar usada pelo docente for aproximada de sua própria essência.

“Eva viu a uva”.

“A ave é do Ivo”.

“Ivo vai à roça”.

(Freire, 1981, p. 23)

Mas quem é a Eva ou o Ivo? Diante de pessoas que já perderam tanto tempo longe da escola, modelos como esse de atividades não permite que o discente faça uma relação entre o conteúdo repassado e suas reais experiências de vida, são exemplos que não são atrativos ou necessários no dia a dia desse cidadão que tem tanto de sua vida para reconquistar.

É necessário aproximar do cotidiano dos alunos as tarefas que eles irão desempenhar, quanto mais próximo daquilo que eles são, mais fará sentido para o alfabetizando, levando-o a assimilar o conteúdo proposto de forma significativa. Por que então não trabalhar assuntos como a própria profissão, ou a casa, ou as tarefas que os alunos praticam diariamente?

Pensando dessa forma, é provável que os discentes sintam que aquilo que eles fazem ou vivem é tão importante quanto o que pessoas letradas vivenciam, mesmo que de modo diferente. Por que ao se sentirem parte do processo de aprendizagem, possivelmente serão ativos no decorrer do mesmo.

Ao pensar em alfabetizar adultos, se faz necessário ter um olhar diferenciado, a sensibilidade faz parte do processo. A relação professor e aluno precisam ser dialógicos de ambas as partes, porém dificilmente o aluno que se sente excluído estará de coração aberto para aprender.

A empatia é uma ferramenta humana que se desenvolve e se torna eficaz numa relação entre pessoas, muitas vezes o professor espera muito do aluno, que bem raramente consegue suprir suas expectativas. O analfabeto se torna arredio e por vezes irredutível, mas o docente com um olhar empático conseguirá “arrebatar” o coração do aluno que por vezes já foi humilhado pelas situações da vida.

Alfabetizar um adulto, é saber que este é importante, é produtor de cultura, e possui habilidades que talvez nunca ninguém tenha notado, mas o professor pode ser aquele que irá despertar o melhor desse aluno, porque alguns podem sequer acreditar em si mesmos devidos suas condições.

Educar na visão de Freire (1987) é sim um ato de amor, se colocar no lugar do outro, olhar para os excluídos da sociedade, cidadãos que em nada se diferenciariam dos eruditos, se não fosse à imensa barreira de preconceito que ainda ronda nossas convivências.

Trazer textos onde os discentes sintam-se confortáveis, que tragam eles para dentro de cada frase, que consigam sonhar por meio dos escritos, que despertem o imaginativo, permitindo-lhes viver um sonho real.

A libertação anda junto com o crescimento cognitivo, porém os alunos da EJA sentirão insegurança se o professor falar de algo que para eles é tão inalcançável, mas quando a barreira entre teoria e prática é rompida, criamos possibilidades, e permitimos a chegada de um novo conhecimento, sem que o aluno sinta-se ameaçado ou constrangido ao avançar os degraus do conhecimento.

O diálogo para que a alfabetização de adultos seja bem sucedida é indispensável, pois nenhuma pessoa que chega a fase adulta gosta de ser tratada como criança. Os analfabetos não tiveram uma infância regada com atividades próprias dessa fase, como chegarão a uma sala de aula, se sentindo confortáveis, se em muitos casos o professor por falta de preparo ou mesmo de sensibilidade, faz uso de uma linguagem infantilizada, trazendo para o aluno um acanhamento que possivelmente poderá leva-lo a desistir.

Se falarmos que o professor faz o aluno passar por esses constrangimentos de caso pensado, nos fazemos injustos, por que grande parte das vezes a preparação do docente é para trabalhar com crianças, e este se vê obrigado a entrar em uma sala de EJA totalmente despreparado.

> A pesquisa é importante em qualquer área do conhecimento, uma vez que por meio dela o pesquisador entra em contato com a realidade, beneficiando sua prática profissional. A pesquisa nos aproxima da nossa realidade e, dessa forma, vivenciamos situações que servirão como experiências para a nossa formação profissional (Justino, 2013, p 28).

Nada nos impede de explorar essa área, de pesquisar, de ir além daquilo que lhe foi permitido aprender. A aprendizagem não acaba no momento em que se termina

um curso superior, as descobertas são diárias, as vivências são enriquecedoras. Porém muitas vezes é um trabalho árduo, que exige muito do pesquisador.

O professor enquanto um investigador da área da educação poderá buscar mais a fundo compreender as ações e as reações dos alunos que procuram pela EJA com o desejo de ser alfabetizado, buscando refletir sobre os problemas apresentados, possibilitando a intervenção sobre a realidade proposta com finalidade de ajudar esse publico alvo se desenvolver integralmente ocupando assim os seus lugares por direito enquanto cidadãos.

Ouvimos nos dias atuais um discurso sobre igualdade, mas será que oferecer oportunidades iguais às pessoas com níveis diferentes sociais e também intelectuais, fará com que todos cheguem ao mesmo patamar?

Nesse caso as oportunidades iguais para todos não dará conta de fazer com que os cidadãos envolvidos no processo de alfabetização alcancem um mesmo nível, se fazendo necessário o uso da equidade, que diz respeito à justiça, oferecendo oportunidades diferentes com o intuito de todos chegarem a um mesmo nível.

Contudo não tem preço, ao ver o brilho no olhar daquele que outrora só via obstáculos em seu caminho, poder ouvir a fala daquele que antes se calava por ter medo de errar, enxergar uma postura confiante daqueles que antes demostravam se esconder por se sentir amedrontados.

Sem dúvidas nenhuma a alfabetização na Educação de Jovens e Adultos para que se concretize de forma integral, precisa ser diferenciada, regada com muito diálogo, metodologias que acompanhem o cotidiano dos educandos.

Segundo Both (2012, p. 35):

“É mais interessante descobrir novos mares por onde navegar do que velhos portos onde ancorar.”

Precisamos pensar na possibilidade de navegar por mares desconhecidos, e é preciso despertar esse sentimento nos alunos da EJA, que por inúmeras vezes se privam de sonhar, de almejar alcançar mais, de descobrir. São justamente o descobrir novos mares que possibilita ao sujeito excluído da sociedade uma nova forma de ampliar sua visão, que outrora estava limitada à apenas suas dificuldades, sendo impedido de olhar as inúmeras possibilidades e potencialidades existentes em si mesmos.

Quando há uma aproximação entre professor e aluno, o dialogo permite esclarecer valores relativos ao conhecimento, mas infelizmente ainda nos dias de hoje

existem professores e alunos que buscam portos para ancorar, tendo noção de que descobrir novos mares é interessante, mas também apresenta dificuldades, por essa razão algumas pessoas preferem ficar estagnadas.

Por essa causa a educação é primordial na vida dos seres humanos, por que ela nos dá amplas possibilidades com o propósito de alavancarmos em todos os sentidos. E o aluno da EJA precisa desse apoio em sua nova jornada na educação, levando em conta que possui grande dificuldade em pensar a vida de uma forma diferente da qual ele já esta habituado.

A exclusão perde sua essência quando os discentes descobrem a sua própria potencialidade, começam a ler o mundo ao seu redor, não apenas decodificando códigos alfabéticos, mas interagindo com tudo que os cercam.

A conscientização de cidadãos que transformam a sociedade, econômica e politicamente injusta se efetiva pela participação dos indivíduos, por meio de uma metodologia pedagógica que seja baseada no diálogo.

Aprender a ler, escrever, é mais do que decifrar código alfabético, mas é dar a possibilidade para que os alunos da EJA percebam que também podem se expressar, criar, tomar decisões.

Segundo Freire (1987, p. 09) “A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem”.

A reflexão está presente em todo ser humano, pois é por meio dela que o homem cria, se aperfeiçoa, tornando-se consciente dos acontecimentos externos e internos, conseguindo enxergar quem é, e onde pode chegar, auxiliando assim em sua formação individual e também coletiva. É necessário compreender que o aluno não é apenas um objeto no processo de alfabetização, mas é alguém que pode contribuir em sua aprendizagem.

> A Educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento (Gadotti, 2003, p.47).

É de fundamental importância que a educação seja emancipadora, colaborando para que o aluno da EJA se veja como alguém com potencial transformador na sociedade em que está inserido, podendo se desenvolver

integralmente, lembrando-o sempre que é um produtor de cultura e cresce ao se apropriar de novos conhecimentos. Tendo em vista que fazemos parte de um mundo interativo, onde constantemente discutimos questões, refletindo assim sobre as mesmas.

O professor por sua vez exerce um papel indispensável para o desenvolvimento de seu aluno, quando este tem o objetivo de ajudar o discente a se tornar um cidadão critico e reflexivo, tendo em vista atuar positivamente no meio onde está inserido.

“No momento em que o profissional observa as questões do seu cotidiano e as coloca como situações problemáticas, isso o levará à reflexão e à busca de interpretação para o que está vivenciando, fazendo, então, uma reflexão na própria ação” (Justino 2013, p. 65).

A forma com que o professor traz o conteúdo ao aluno pode influencia-lo positivamente ou negativamente, o aluno da EJA precisa de um apoio em sala de aula que os ajude a interpretar os eventos que eles vivenciam, e quando o professor consegue pensar e refletir sobre sua própria ação, certamente proporcionará a esse público alvo uma aprendizagem significativa.

Fato é que o professor tem que ter em mente a grande responsabilidade que é alfabetizar pessoas adultas, que por vezes oferecem resistência como forma de proteção, a resiliência é uma virtude essencial para o educador da EJA, pois permite suportar as adversidades sem esmorecer ou desanimar, tendo assim o objetivo que é a alfabetização de seus alunos, concretizado de forma satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se fundamental que a alfabetização da EJA seja vista de forma mais ampla, procurando manter um diálogo aberto no que diz respeito às políticas públicas e as escolas.

Lembrando que o nosso país já deu passos significativos, no que diz respeito á uma educação de qualidade para o público alvo descrito no presente artigo, mais ainda é uma questão a se pensar e trabalhar.

As críticas contidas neste material sinalizaram o quanto estamos distanciados de uma educação que se efetive com equidade, respeitando as diversidades, criando possibilidades para os que não se alfabetizaram em idade própria. A educação tradicional ainda é um obstáculo a ser vencido para a EJA, porque impede que as pessoas voltem a seus estudos, ou iniciem seus estudos já em fase adultas.

A educação dialógica proposta por Paulo Freire verdadeiramente contempla as necessidades do ser humano de ser ouvido, de poder se expressar e criar, as pesquisas bibliográficas presentes neste artigo demostraram com clareza estas necessidades, e são respaldadas por muitos outros autores.

Espera-se que o presente trabalho possa cooperar para uma discussão sobre novas metodologias pedagógicas na EJA, visando à alfabetização emancipadora dos alunos.

REFERÊNCIAS:

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**, 2012, Intersaberes. Curitiba, PR.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**, Brasiliense: 1ª edição, 1981. 29ª reimpressão, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Taxa de Analfabetismo no brasil.** 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167 https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil/ (acesso em 15/10/2019 ás 15h52min).

FREIRE, Paulo. 1983. **Educação como Prática da Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 1976, Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Resvale 2003.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (org..). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

HAMILTON, Werneck. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata.** Rio de Janeiro. DP&A. 1999.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes.** Intersaberes, Curitiba 2013.

MARTINS, Pura L. **Didática.** Editora: Intersaberes, Curitiba 2012.

SAVIANE, Demerval. **Escola e Democracia**: 32º edição revista, 1996-Campinas-SP.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de jovens e adultos**. Intersaberes, Curitiba 1ª ed. 2012.